

ENTREVISTA **Marcelo Branco**

O especialista em Tecnologia da Informação que coordenou a campanha eleitoral de Dilma Rousseff nas redes sociais, Marcelo Branco, 50 anos, finaliza um projeto para transformar a Casa de Cultura Mario Quintana em uma espécie de quartel-general virtual dos movimentos sociais mundiais que sacudiram o planeta em 2011 durante o *Fórum Social Temático* – que acontecerá em Porto Alegre entre os dias 24 e 29 de janeiro próximo. Nesta entrevista concedida ao jornal *Extra Classe* no final da tarde do dia 5 de dezembro, em Porto Alegre (RS), na Joner Produções, Branco, um dos idealizadores do *Fórum Internacional de Software Livre* analisa o papel da *internet* na política contemporânea e explica o surgimento e o potencial dos novos movimentos em rede.

Política 2.0

► Por Roberto Villar Belmonte

extraclassa@sinprors.org.br

Extra Classe – A crise econômica na União Europeia pode fazer ressurgir novas forças nacionalistas e de direita?

Marcelo Branco – A crise institucional e política dos partidos de centro-esquerda na Europa deu vazão para que governos de direita assumissem o poder. A desilusão do povo de muitos países europeus com a política em geral, com o sistema representativo, pode dar espaço para isso, como ocorreu na Espanha, que eu conheço mais, onde a direita venceu as eleições. Mas ao mesmo tempo tinha lá um movimento forte nas ruas que não era de direita. Eu acampe na praça de Barcelona. A origem deste movimento começa com a Lei Sinde (referência à ministra da Cultura da Espanha, Ángeles González-Sinde), uma iniciativa para tentar cortar e vigiar a *internet* em nome da defesa do chamado direito autorial clássico. Três partidos espanhóis, o Partido Socialista, o Partido Popular, que é a direita, e a Convergência e União, um partido de centro-direita catalão, fizeram um pacto para aprovar essa lei gerando um movimento de indignação dos internautas chamado *No Les Votes*. Essa mobilização organizou o movimento de 15 de março, de onde surgiu o movimento *Democracia Real Já*. Um milhão de pessoas se mobilizou em Madrid, 450 mil

pessoas acamparam na praça de Barcelona. É uma questão da *internet* unida com a crise econômica, a Espanha é um dos países que mais sofre, criou aquele movimento de massa, talvez o maior vivido na Europa nos últimos anos.

EC – É correto afirmar que foi um movimento espontâneo? E até que ponto a Primavera Árabe influenciou nessa mobilização de massa na Europa?
Branco – A relação entre a Primavera Árabe, a Revolução Espanhola, até o que aconteceu em Londres, o que estava ocorrendo no Chile e o *Ocupe Wall Street* nos Estados Unidos é que são movimentos de massa. As pessoas estão na rua concretamente, acampando nas praças e tudo articulado na *internet*. Os protagonistas dessas mobilizações não foram as organizações tradicionais, os partidos políticos, sindicatos e associações. Já se observa esse movimento há mais tempo. Não é de agora. Portanto, não é espontâneo. São indivíduos que se articulam politicamente através de alianças feitas na *internet*. Até os militantes dos partidos estão lá, mas não são deliberações partidárias.

EC – Qual a principal diferença entre os movimentos sociais organizados por instituições tradicionais e os movimentos em rede?

Branco – Eu acho que os movimentos sociais conectados em rede são distintos dos movimentos

organizados na era industrial. Os partidos e sindicatos organizam sua pauta e sua luta de forma hierárquica. Um partido vota o seu programa político e define prioridades. O sindicato também tira uma pauta de reivindicações votada em assembleia geral e hierarquiza sua luta. E era uma forma efetiva de funcionar. Isso persiste. Não acabou. Só que existem movimentos de nova ordem, com uma hierarquia mínima, extremamente horizontais. São dois movimentos que vão conviver. Mas não acho que seja possível os partidos políticos enquadrarem esses novos movimentos para a sua dinâmica de funcionamento.

EC – Quando começou essa nova forma de articulação política em rede?

Branco – As mobilizações 2.0 começaram há 12 anos em Seattle. Todos nós aqui em Porto Alegre e no mundo inteiro queríamos combater o neoliberalismo globalizante da Thatcher e do Reagan, mas não tínhamos força para levar ninguém pra rua. Surpreendentemente surge um movimento em Seattle com 80 mil pessoas protestando contra o Banco Mundial. Eles chamaram na época de Ação Social em Rede. O Fórum Social Mundial, a partir de 2001, tem a mesma experiência. Surpreendeu também os movimentos convencionais de esquerda. Os militantes mais ortodoxos dos partidos diziam: “o que querem esses caras? Eles não têm programa

político pronto...”. Mas mobilizaram aquele monte de gente. Em seguida fui viver na Europa. E o mesmo ocorreu nas marchas contra a guerra do Bush pai, as manifestações de Gênova, com 100 mil pessoas, depois 80 mil pessoas em Barcelona.

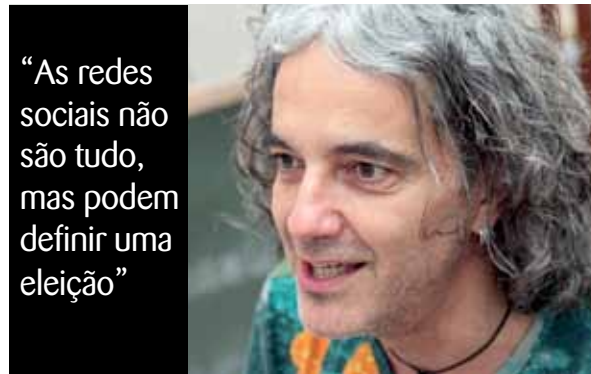
EC – A direita pode se apropriar desses movimentos?

Branco – Eu acredito que não. Os movimentos que eu conheço mais, o espanhol, o chileno e o de Wall Street, não são movimentos de direita contra a democracia. Eles questionam o limite da democracia representativa. Como nos disse o Eduardo Galeano na praça de Barcelona, não pensem que os jovens que não votaram são contra a democracia, eles estão questionando os limites, não se sentem representados. Eles querem mais democracia, pois as ferramentas da *internet* podem possibilitar novas formas de participação. Além disso, eles questionam os limites da democracia interna dos próprios partidos políticos. O nativo digital é uma geração que já nasceu com a *internet*. É a primeira vez que a *geração Y* é protagonista dos movimentos sociais. São movimentos por mais democracia e mais participação. Tanto é que entre os principais eixos dos movimentos de Wall Street, da Espanha e do Chile, estão uma economia a serviço das pessoas, um novo sistema financeiro, e mais democracia direta, as pessoas não querem mais só votar de quatro em quatro.

EC – Qual o desafio do Fórum Social Temático que acontece novamente em Porto Alegre e na Região Metropolitana entre os dias 24 e 29 de janeiro de 2012?

Branco – Os protagonistas de hoje não são os mesmos do *Fórum Social Mundial*. Então é muito importante que o *Fórum Social Temático* faça uma conexão com esses novos movimentos. A mesma acusação que hoje é feita contra eles, alegando que não têm um objetivo claro, têm uma pauta enorme, têm um monte de contradições, é a mesma coisa que os partidos políticos diziam do *Fórum Social Mundial* em 2001. Se é um movimento

novo, que não tem líderes destacados, é tudo em rede, claro que é contraditório, que tem na sua pauta uma série de reivindicações, desde o “Fora Renato Teixeira” até contra o sistema financeiro global. A tendência desse movimento é amadurecer, ainda é verde, no sentido político, mas tem um potencial de organização social incomparável com as organizações tradicionais.



EC – Como será esse encontro em Porto Alegre?

Branco – Vamos fazer uma conexão global na Casa de Cultura Mario Quintana durante o *Fórum Social Temático*. Estamos trabalhando com vários movimentos da cultura digital para conectar Porto Alegre com esses vários movimentos e promover aqui um momento de diálogo global. Vamos ouvir os protagonistas desses novos movimentos. Com o projeto *Conexões Globais 2.0* pretendemos fazer a conexão entre a história do *Fórum Social Mundial* e os novos movimentos sociais da *internet* global.

EC – No primeiro Fórum Social Mundial ainda havia muita resistência em relação ao movimento ambientalista, visto por muitos militantes de esquerda como pequeno-burguês. Isso mudou, já que o objetivo do Fórum Social Temático é engajar os movimentos sociais nas discussões da Rio+20, a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável?

Branco – A formação marxista clássica, como a

que eu tive, não contempla a ideia da luta ecológica como sendo uma luta de classes. Assim como a luta do feminismo. Os marxistas que ficaram entalados dentro de uma compota só conseguem enxergar as coisas sob a ótica da luta de classes clássica, não conseguem elaborar e ver os movimentos feministas, ecológicos, de software livre, de cultura livre, como movimentos sociais positivos. Tem um preconceito ainda. Não é geral. É óbvio que a luta ambiental e pela sustentabilidade do planeta cresceu em dimensão.

EC – Os problemas ambientais aumentaram...

Branco – Exato. Hoje existe uma conscientização da população que está muito sensibilizada para esses temas. E até os temas da minha área, como direitos civis na *internet*. Mas eu acho que as organizações tradicionais, os partidos e os sindicatos convencionais, ainda têm dificuldade para compreender estas lutas importantes e chave nesse período que estamos vivendo.

EC – Qual será o papel das redes sociais na próxima eleição no Brasil?

Branco – Acho que um papel maior do que teve na eleição passada, a primeira que tivemos com a *internet* livre, não mais tratada pelos legisladores como *mass media*, como rádio, tv e jornal. A mudança na legislação, graças a dois vetos do presidente Lula, passou a tratar a *internet* como um espaço de expressão individual. A campanha eleitoral no Brasil, mais do que na campanha eleitoral do Obama, deu protagonismo aos indivíduos para que eles se posicionassem. Além das formas tradicionais de formação de opinião, os partidos políticos e os candidatos, e a cobertura em rádio, tv e jornal, pela primeira vez um terceiro bloco formador de opinião se organizou no Brasil. O bloco dos apoiadores agindo nas redes sociais. Esse novo bloco não disputou só o voto dos indecisos, mas também os rumos das campanhas dos seus candidatos. A *internet* é descentralizada. Não é um *release* que o partido manda e todo mundo publica (risos).

ENTREVISTA

EC – Qual foi a influência das redes sociais na última eleição?

Branco – Uma pesquisa feita por uma agência de comunicação grande constatou o que nós já sabemos: apenas 32% dos conteúdos que circularam nas redes sociais vieram dos grupos de comunicação, dos portais; 30% vieram de indivíduos e 20% das coordenações de campanha. As redes sociais não são tudo, mas podem definir uma eleição. A *internet* tem uma coisa muito positiva, ela é um espaço de organização. Então ela serviu na última eleição, pelo menos na campanha da Dilma, que eu conheci de perto, como o principal espaço de organização. Todos os comícios eram convocados pela *internet*. E nós transmitamos ao vivo. Havia 20 mil presentes, mas 30 mil acompanhando remotamente, *blogando, tuitando* e colocando no *Facebook* em tempo real. Nós conseguimos com que tudo que fosse falado nos comícios primeiro aparecesse na *internet*, sob a voz dos nossos apoiadores, antes de qualquer empresa de comunicação. Dizíamos que a melhor cobertura das eleições nós tínhamos que fazer. Conseguimos.

EC – Houve resistência dentro do partido?

Branco – Lula e Dilma foram os principais esti-

muladores do nosso trabalho na *internet*, pessoalmente. Houve incompreensões das coordenações do partido, pessoas que não viam a *internet* como algo importante. Mas quando não deu no primeiro turno, a culpa era das redes sociais (risos). É óbvio que as coligações partidárias terão que pensar na *internet* não só como espaço de disputa dos votos e da opinião pública da rede, mas principalmente como um espaço de formação de opinião, argumentos e contra-argumentos para que esse militante colha isso na rede e vá disputar na rua.

EC – Como vê os movimentos contra a corrupção no Brasil?

Branco – É um movimento conservador de direita insuflado pelas grandes empresas de comunicação. E reúne meia dúzia de gatos-pingados. Aqui em Porto Alegre tivemos uma experiência no dia 15 de outubro com uma marcha gigantesca. O *150 de Porto Alegre* foi o maior do Brasil. Por quê? Ali teve a presença dos militantes partidários e sindicais. Mesmo que não tenha sido um ato partidário. Conseguimos unificar aqui militantes de esquerda de todos os partidos com outros movimentos e o movimento anti-corrupção queria se adonar do 15 de Outubro, que é um

movimento global anti-capitalista. Os líderes do movimento anti-corrupção são capitalistas. Não têm nada mais quadrado do que a OAB. Eles usam a *internet*? Usam também. Qualquer um pode usar.

EC – E qual tua opinião sobre o movimento recente de um grupo de estudantes na Universidade de São Paulo contra a presença da polícia no campus?

Branco – Demonstra uma incapacidade desta gestão da USP de conviver com a democracia. Nós lutamos durante anos no Brasil pela autonomia universitária, para que a universidade fosse um território livre. Em época de democracia, a polícia não pode entrar lá. A repressão começou com o pretexto de que eram jovens que estavam ali fumando maconha. Mas foi desproporcional. Faltou diálogo. Uma coisa é resolver a questão dos estudantes que querem segurança dentro do campus porque estão sendo roubados, outra coisa é a polícia chegar batendo. Foi um absurdo. Mesmo que fosse uma minoria, com uma pauta que não abrangesse todos os estudantes da universidade, tinha que ter diálogo. Só que eles foram tratados na porrada. Isso é inaceitável.



JOSÉ ANTÔNIO ALONSO/ECONOMIA

Perspectivas para 2012



Ao aproximar-se o final do ano, mobilizam-se os analistas de todos os tipos para verificar o desempenho da economia no período que termina e discutir as perspectivas para o próximo exercício. Essa tarefa vem se tornando cada vez mais difícil devido à crise dos mercados financeiros e à consequente instabilidade das economias centrais (EUA e UE), que amargam queda da atividade econômica e altas taxas de desemprego.

A questão que se coloca é: como a economia brasileira vai se comportar em 2012 em face desse ambiente externo adverso e às suas próprias potencialidades internas? Pelo andar da “carreta”, as abóboras somente vão se acomodar” no longo prazo, o que significa que não se deve esperar impulsos ao nosso crescimento, vindos do *front* externo. Daí, só nos resta contar com a Ásia (China) e os nossos parceiros da América Latina e da África, esses com peso comercial muito menor.

Posto isso, o cenário que se desenha aponta uma importância estratégica do mercado interno no próximo período. Nesse sentido, há pelo menos três fatores que poderão dar fôlego à economia brasileira em 2012. O primeiro é a possível queda na taxa de juros básica (Selic), que segundo alguns economistas poderá alcançar 9% ao ano. Isso leva os juros reais a diminuir, o que representa um forte estímulo à atividade econômica, tanto pelo lado do investimento

quanto pelo do consumo. Observe-se que as taxas de juros praticadas por agentes privados já haviam despencado após o corte da Selic promovido pelo Banco Central em agosto último.

O segundo fator de crescimento, não desprezível, é o aumento do salário mínimo em, aproximadamente, 14% em janeiro de 2012. Isso representa um acréscimo de algo como R\$ 46 bilhões aos que ganham essa remuneração – na ativa ou como beneficiários do INSS.

A propensão é que essa dinheirama adicional se destine totalmente ao consumo. Em 2011 estima-se que essa fração da população receba R\$ 18 bilhões, quase três vezes menos do que receberá em 2012. Por fim, uma terceira fonte de estímulo ao crescimento tem origem no investimento público, que deverá aumentar em 2012 depois de uma redução da velocidade de expansão dos gastos em 2011, por parte da União, dos estados e dos municípios. Essas três esferas de governo representam em torno de um terço da economia, portanto, um peso considerável na formação do PIB. Tal esforço de investimento deve-se ao déficit de infraestrutura do país, que parece ter batido no teto, e à premência de eventos como a *Copa de 2014* e a *Olimpíada de 2016*. Espera-se que prevaleça uma perfeita sincronização entre as três esferas de governo na condução desse programa.

Se esse arranjo for bem conduzido, poderemos tangenciar os efeitos mais perversos da crise externa e construir bases mais sólidas para o crescimento do país já em 2012. É possível crescer algo em torno de 3,5% com a inflação convergindo para o centro da meta ou não ultrapassando o teto. Além disso, será possível reduzir a pressão sobre a dívida pública e reduzir a apreciação do Real, abrindo espaço para um esforço de substituição de importações de manufaturados. Precisamos nos vacinar contra a “doença holandesa”, que parece estar rondando a economia brasileira.